Lição 13: Pela sua forma, as estrelas se mostram, não para se moverem por si mesmas. Nenhum poder sensitivo nos corpos celestes

411. Após apresentar dois argumentos para mostrar que os corpos estelares não se movem com um movimento próprio, mas são levados pelo movimento de seus círculos ou esferas, o Filósofo agora prova a mesma coisa com um terceiro argumento [303], que se baseia na forma das estrelas. E ele diz que, se as estrelas fossem movidas com um movimento progressivo, como se caminhassem através de seus círculos, pareceria irracional que a natureza não as equipasse com instrumentos adequados ao movimento local. Pois a natureza não produz seus efeitos ao acaso, especialmente quando se trata de seus produtos mais nobres. Consequentemente, não é irracional supor que a natureza teria cuidado dos animais terrestres, equipando-os com órgãos adequados ao movimento progressivo, e negligenciaria corpos tão preciosos quanto as estrelas, não os equipando com órgãos adequados ao movimento progressivo. Ao contrário, parece que a natureza deliberadamente não pretendeu que as estrelas se movessem por si mesmas, pelo fato de as ter privado de todos os instrumentos pelos quais poderiam mover-se por si mesmas com movimento progressivo, e, além disso, porque as estrelas são as mais afastadas da forma dos animais que possuem instrumentos adequados ao movimento progressivo. Pois os animais desse tipo, quanto mais perfeitos são, maior variedade apresentam em suas partes – mas as estrelas têm em toda parte o mais alto grau de uniformidade, uma vez que são de forma esférica. 412. Por essa razão, parece razoável que todo o céu, e cada estrela, seja esférico. Pois uma forma esférica parece ser exclusivamente adequada ao movimento circular, ou seja, um movimento no qual um corpo esférico é movido "em si mesmo", isto é, não mudando seu lugar como um todo exceto quanto à noção, mas apenas quanto às suas partes, como é provado na Física VI. O fato de um corpo movido circularmente ser esférico permite que ele seja movido com a maior velocidade, não apenas porque uma linha circular é a menor de todas as figuras que podem conter uma área igual, mas também porque os corpos retilíneos não têm um movimento uniforme em cada parte, uma vez que são mais fixos onde têm uma superfície plana do que onde têm cantos. Portanto, como uma esfera não é plana em lugar algum, mas em toda parte constitui um ponto, ou seja, um canto, é evidente que um corpo esférico se move mais rapidamente com um movimento circular. Da mesma forma, ele reterá seu próprio lugar da maneira mais perfeita, uma vez que nenhuma parte

dele jamais começa a ser exceto onde outra estava, enquanto isso não acontece com corpos retilíneos, cujos cantos se projetam mais do que suas superfícies. No entanto, uma forma esférica é a menos adequada para o movimento progressivo. A esfericidade não tem nada em comum com os corpos dos animais que são capazes de automovimento. Pois não há depressões ou proeminências numa esfera como há num corpo retilíneo. Mas a esfericidade é mais diferente da forma dos corpos dos animais que se movem para frente por um certo levantamento e abaixamento, razão pela qual os membros dos animais são flexíveis em suas articulações para serem adequados aos movimentos progressivos. Visto, portanto, que era necessário que todo o céu, ou seja, a sua esfera, fosse movido com movimento circular, enquanto as estrelas não deveriam ser movidas com um movimento progressivo, foi razoável que cada um fosse feito esférico, ou seja, tanto a esfera quanto a estrela. Pois o céu ser esférico torna-o adequado ao movimento circular, e as estrelas serem esféricas torna-as inadequadas ao movimento progressivo. Consequentemente, estas últimas não são movidas dentro dos círculos, mas, permanecendo estacionárias em si mesmas, são levadas pelo movimento dos círculos. 413. Agora, pode surgir aqui uma dificuldade: ou seja, uma vez que os corpos das esferas não são visíveis, sendo transparentes, e poderia dizer-se que as estrelas são movidas, por assim dizer, no ar, por que Aristóteles omitiu investigar este ponto? Mas deve-se dizer que é abundantemente claro a partir dos ensinamentos de Aristóteles que no céu não existem apenas corpos estelares distintos, mas também esferas corporais distintas. Primeiro, pelo fato de que ele mostra que as estrelas não são movidas por si mesmas pelo movimento que nelas aparece. Segundo, é claro a partir de um argumento que ele deu anteriormente, ou seja, que não haveria razão pela qual uma estrela que percorre um círculo maior deveria ser movida mais rapidamente, enquanto há uma razão se um movimento dos círculos for assumido, pois é razoável que um círculo maior seja movido mais rapidamente pelo seu próprio movimento. Terceiro, porque Aristóteles no início deste livro provou que existe um corpo que é movido circularmente, enquanto o movimento de uma estrela, se fosse movida por si mesma, sem seu orbe, seria progressivo e não circular, porque não seria movida enquanto permanecesse no mesmo lugar. Quarto, porque aquele espaço no qual as estrelas seriam movidas não pode ser vazio, uma vez que é impossível existir um vazio na natureza, como foi provado na Física IV. Mas se fosse preenchido com algum outro corpo que não tivesse nada em comum com a natureza das estrelas, por exemplo, fogo ou ar, isso seria claramente inaceitável por duas razões. Primeiro, porque não é apropriado que um mesmo lugar sirva como lugar para corpos geráveis e corruptíveis, como o fogo e o ar, e para corpos incorruptíveis, ou seja, as estrelas, uma vez que corpos diversos têm lugares que são diversos, cada um sendo adequado às naturezas envolvidas. Segundo, porque não é razoável que os corpos inferiores sejam contínuos e os corpos celestes mutuamente descontínuos. O que resta, portanto, é que todo o espaço no qual as estrelas são vistas ser movidas é preenchido por um corpo celeste que pertence à própria substância das esferas. Quinto, é claro pelo fato de que o Sol e a Lua são movidos em círculos que se intersectam mutuamente. Isto é evidente pelo fato de que a Lua está ora ao norte e ora ao sul do círculo no qual o Sol é movido. Mas é evidente que as interseções de dois círculos, que são chamadas de "nodos", ou "cabeça e cauda", não ocorrem sempre nos mesmos pontos, pois não podem acontecer a menos que a Lua esteja em conjunção ou em oposição ao Sol em relação a um desses pontos nodulares. Mas se esta variação fosse devida unicamente ao movimento da Lua, seguir-se-ia que a Lua não seria movida circularmente, mas em espiral, o que é contrário à natureza dos corpos celestes. Portanto, é evidente que o círculo da Lua tem um movimento próprio. Pela mesma razão, também o círculo do Sol e os das outras estrelas. 414. Agora, deve-se ter em mente que quando Aristóteles afirma que não é razoável que a natureza se preocupe com os animais e negligencie corpos tão preciosos, ele não está chamando as estrelas de animais. Porque, como diz Alexandre, é a sensibilidade que constitui a natureza

animal; mas nos corpos celestes, se são animados, não há o poder sensitivo das almas nem tampouco o nutritivo. Portanto, eles são chamados de animais apenas num sentido equívoco, ou seja, porque têm uma alma intelectiva. No entanto, em seu comentário, Simplício se esforça para refutar isso com o argumento de que, se algo honorável é atribuído aos corpos terrestres, então com mais razão aos corpos celestes. Mas como a sensibilidade pertence à excelência de um corpo, parece haver muito mais razão para os corpos celestes a possuírem do que os corpos terrestres. Além disso, como os corpos celestes se tocam uns aos outros, parece inadequado que eles não se sintam uns aos outros. Portanto, ele concede a existência de três sentidos nos corpos celestes, a saber, visão, audição e tato, mas exclui deles os outros dois sentidos mais materiais, a saber, olfato e paladar. 415. Vejamos, portanto, o quanto disso está de acordo com o julgamento de Aristóteles, que parece sentir que nenhuma parte da alma além da intelectiva é encontrada nos corpos celestes. Pois ele diz na Metafísica XII que o primeiro motor move o céu como um objeto de desejo, não pelo desejo do sentido, mas pelo desejo do intelecto. E em Sobre a Alma II, ele diz: "Todas as coisas corruptíveis que possuem razão possuem todo o resto" – como se este não fosse o caso em corpos incorruptíveis, nos quais ele acreditava que o intelecto ou a razão existissem sem os outros poderes da alma. Mas uma afirmação sua em Sobre a Alma III levanta uma dificuldade. Ele diz: "Um corpo não pode ter uma alma e um intelecto discernente sem possuir sensação, se não for estacionário", ou seja, "se for produzido por geração", isto é, se for gerado e corruptível, como é evidente nos homens e outros animais desse tipo. Ele continua: "Nem tampouco mesmo se não fosse produzido por geração" – pelo que ele parece significar que, nem mesmo se um corpo é ingênito e incorruptível, como são os corpos celestes, teria intelecto sem sensação. Em prova disso, ele acrescenta: "Por que não deveria ter?" – ou seja, não ter sensação, visto que tem intelecto. "Porque seria melhor assim para o corpo ou para a alma", o que é como dizer que a falta de sensação é ou para o bem do corpo ou para o bem da alma. Então ele prossegue: "Mas claramente não seria melhor para nenhum dos dois – pois a ausência de sensação não permitirá que um [a alma] pense melhor ou que o outro [o corpo] exista melhor [isto é, mais duravelmente]." Então ele conclui: "Portanto, nenhum corpo que não é estacionário tem alma sem sensação." Disto ele parece sentir que se os corpos celestes são animados com uma alma racional e intelectiva, eles também têm sensação. Mas o que ele imediatamente acrescenta vai contra esta interpretação: "Mas se um corpo tem sensação, deve ser simples ou misto. E simples não pode ser; pois então não poderia ter tato, que é indispensável." Visto que, portanto, os corpos celestes são simples, eles não podem possuir sensação. 416. Portanto, as palavras acima citadas de Aristóteles são explicadas por Temístio e Averróis em seus comentários no sentido de que a expressão, "Nem mesmo se não fosse produzido por geração", significa: "Nem mesmo aquilo que é incorruptível", ou seja, um corpo celeste, "tem sensação. E por que não tem sensação?" – como se dissesse que esta é a razão pela qual não tem, a saber, "Porque seria melhor assim para a alma ou para o corpo", isto é, se um corpo celeste tivesse sensação, ele a possuiria para o bem da alma ou para o bem do corpo. "Mas claramente não é melhor para nenhum dos dois, pois um [ou seja, a alma do corpo celeste] não entenderá melhor" [pois seu intelecto não é do tipo que recebe dos sentidos como o intelecto humano; antes, tal intelecto entende à maneira de uma substância separada, à qual é imediatamente contínua na hierarquia das coisas]; "nem o outro [ou seja, o corpo] existirá melhor por causa disso", isto é, não será mantido na existência através da sensação como ocorre com os corpos dos animais terrestres, que são preservados de coisas corruptivas através do sentido, como é evidente pelo que ele já havia dito [em Sobre a Alma]. Ora, esta explicação parece ser mais adequada do que a outra, no que diz respeito à eficácia do argumento. Pois para mostrar que algo não é sem propósito [frustra], é mais necessário mostrar para que propósito algo existe do que mostrar para que propósito algo não existe. Portanto, para que o céu não possua sensação, basta

mostrar que nenhuma vantagem viria para ele da sensação (e estas são as linhas segundo as quais a segunda explicação procede). Consequentemente, não é necessário mostrar que é melhor para ele não ter sensação (que é a maneira como a primeira explicação procede). Pois se nenhuma vantagem adviesse ao céu da sensação, isso já seria razão suficiente para não ter sensação. Mas a conclusão que ele tira parece não se encaixar neste entendimento, mas sim no anterior. Pois ele subsequentemente conclui, "Portanto, nenhum corpo que não é estacionário tem alma sem sensação." No entanto, poderia dizer-se que esta conclusão está ligada não ao que imediatamente a precedeu, mas ao que ele havia dito acima sobre os corpos geráveis. Contudo, porque esta interpretação parece um tanto forçada, parece melhor dizer que a frase, "Nem mesmo o que não é produzido por geração", deve ser continuada com a afirmação precedente, de modo que seu significado seria: Assim como um corpo que é produzido por geração não tem uma alma intelectiva sem sensação, também um corpo que não é produzido por geração. Mas pela frase, "Um corpo que não é produzido por geração", não se entende aqui o céu – o que é evidente pelo fato de que o céu permanece no mesmo lugar quanto à sua totalidade, enquanto ele está falando aqui de um corpo que não é estacionário. Portanto, Aristóteles parece estar falando aqui de certos corpos animados que os platônicos chamavam de "demônios", e descreviam como sendo animais possuidores de um corpo aéreo e eternos no tempo, como diz o platônico Apuleio em seu livro, Sobre o Deus de Sócrates. Eles postulavam tais corpos como se movendo com movimento progressivo e não estacionários no mesmo lugar. 417. Mas qualquer um que considere a posição dos corpos celestes entre os corpos naturais verá que não é adequado que os primeiros não tenham potência sensitiva. Primeiro, porque estes corpos não são passivos, mas ativos. Portanto, não é adequado para suas almas, se os corpos são animados, ter potências sensitivas, que são passivas. Segundo, porque tais corpos, sendo esféricos, são uniformes, enquanto um corpo que possui sensibilidade deve ter uma variedade de órgãos. Pois, como o sentido é um poder que conhece coisas individuais, um corpo deve ter diversos poderes sensitivos se quiser sentir perfeitamente, pelos quais possa conhecer os diferentes gêneros de coisas sensíveis, sendo órgãos diferentes adaptados para sentidos diferentes. Portanto, a uniformidade do corpo esférico conflita com a disposição da alma sensitiva. Terceiro, porque os corpos celestes são como que as causas universais dos efeitos inferiores. Consequentemente, os efeitos sensíveis pré-existem nos corpos celestes não segundo uma noção singular, mas segundo uma noção universal, como estando em causas universais. Com muito mais razão, então, as noções das coisas sensíveis existem nas almas dos corpos celestes (se são animados), não segundo uma noção singular, que é própria do sentido, mas segundo uma noção universal, que pertence ao intelecto. 418. Os corpos celestes, portanto, se são animados, têm intelecto sem sentido. Mas assim como o intelecto das substâncias separadas conhece não apenas os universais, mas também os particulares (pois eles têm por um poder cognoscitivo o que nós temos por vários), também as almas dos corpos celestes com seu intelecto conhecem não apenas os universais, mas também os particulares. Pois é assim em todas as coisas, que as perfeições que são atribuídas ao inferior através de muitas, uma coisa superior possui através de uma – assim como a imaginação é um poder capaz de conhecer todas as coisas sensíveis, as quais, no entanto, o sentido percebe através de diferentes poderes. Isto também exclui uma objeção apresentada por Avicena que, em sua Metafísica, mostra que a alma de um corpo celeste deve ter uma imaginação através da qual possa perceber as posições individuais que assume no céu pelo seu movimento, assim como o nosso intelecto prático não age segundo uma apreensão universal sem um particular, como é dito em Sobre a Alma III. Pois, de acordo com o que foi dito, a substância que move o céu – seja ela uma substância separada ou uma alma – pode perceber posições individuais através do intelecto sem sentido, como foi dito. 419. A objeção de Simplício, de que o sentir pertence à nobreza de um corpo inferior e, portanto, é ainda mais apropriado para um corpo

celeste, é respondida de duas maneiras. Primeiramente, porque, como a alma não existe por causa do corpo

---

Revision #2
Created 29 September 2026 23:32:24 by Admin
Updated 2 October 2026 00:10:20 by Admin